

PARAÍSO PERDIDO EM CONTRACENA: IMPÉRIO, TERRITORIALIDADE E CONFLITO

Luiz Fernando Ferreira Sá¹

Abstract: Once the emergence of the concept of territory as a space of conflict and negotiation parallels the emergence of the concept of subject as an “author” of/to him/herself, I argue in this paper that Milton’s Paradise Lost discusses such formations in terms of a universal phenomenon and defines territory, space, subjectivity in relation to a subtle dividing line between access to and excess of (imperial, colonial, post-colonial) knowledge.

Key-words: poetry, John Milton, post-colonial.

Os mundos que Milton descreve em *Paraíso Perdido* estão fundamentalmente em conflito estratégico. Em cada espaço desses mundos, do corpo ao jardim domesticado, do Céu ao Éden, os sujeitos desse conflito estão atentos ao “esperado inimigo, que anda à espreita” (Milton 1957; minha tradução)². O inimigo é imperial no seu desejo de extensão e domínio. Como *Paraíso Perdido* representa e localiza o inimigo nesse conflito sobre espaço e geografia está diretamente relacionado com uma oportunidade ambígua de acesso e excesso. Acesso a espaço, conhecimento e liberdade, contra excesso de espaço, conhecimento e também liberdade. Geopolítica em *Paraíso Perdido*, ou sua inter-mediação territorial, não serviu ao projeto imperial ou colonial também porque o sujeito-no-mundo de Milton se esforça para se manter e se manter em relação a uma dose de acesso equilibrada e responsável. Se a emergência da terra como espaço de conflito é paralela à emergência do sujeito autor dele/a mesmo/a, Milton mostra que essa transformação é um fenômeno universal e que a definição de terra, espaço e subjetividade está diretamente ligada

¹ Professor Adjunto de Literaturas de Expressão Inglesa – UFMG

² MILTON, John. *John Milton: complete poems and major prose*. Hughes, Merritt Y. (Ed.). New York: 1957. Todas as referências a *Paradise Lost* serão a essa edição e virão entre parêntesis constando de número do livro e número da linha, separados por ponto (9.1172-73).

à essa tênue linha que separa acesso de excesso (imperial, colonial, pós-colonial). Mais especificamente, inteligência e agência, estratégicas ou não, sobre espaço, de territorialidade ou subjetividade, estão conectadas a acesso como meio de ação e intervenção. Caso contrário, esse espaço será excesso como fim nele mesmo e no sentido de *auctoritas* – superioridade moral, inerente ao indivíduo ou instituição a que muitos estão sujeitos.

Sujeitos Adão e Eva, *Paraíso Perdido* relata no livro 10 como a transgressão do casal “original” abre as portas do paraíso para “Pecado” e “Morte”. Após ter comentado sobre o nascimento monstruoso desses dois últimos, após ter demonstrado o poder de excesso e destruição desses dois– “To me, who with eternal famine pine, / Alike is Hell, or Paradise, or Heaven, / There best, where most with ravin I may meet; / Which here, though plenteous, all too little seems / To stuff this maw, this vast unhide-bound corpse” (10. 597-601)–e após a constatação do Todo-poderoso do poder devastador dos monstros desregrados, o narrador épico intercede antes de anunciar as lamentações do perdido Adão. Nessa interceptação das vozes dos sujeitos do épico, o narrador irá citar instâncias numerosas de um olhar que encerrará todo o mundo conhecido, onde extremos geográficos serão comprimidos por meio de viagens sobrenaturais e onde os lugares mais exóticos e desejados serão catalogados e enumerados:

Had rounded still the horizon, and not known
Or east or west, [...]
From cold Estotiland, and south as far
Beneath Magellan. [...]
[...] Now from the north
Of Norumbega, and the Samoed shore,
[...]
Boreas and Caecias and Argestes loud

And Thrascias rend the woods and seas upturn (10. 684-87, 695-96, 699-700).

O que é aqui ordenado não parece ser um processo de dominação ou homogeneização. Parece ser antes uma visão de espaço que reclassifica a geografia e reordena a história humana contra Satã e seus pares.

Dos nomes geográficos citados e catalogados pelo narrador épico fica claro que *Paraíso Perdido* acessa o espaço menos em termos de um mundo anti-cristão via as “visões de Deus” (11. 377; minha tradução) e em termos eurocêtricos e antes, em função de tornar ainda mais ambivalentes as noções de espaço. Ou seja, ora “Leste” ora “Oeste” podem ser submetidos ao excesso imperial dos consortes satânicos e Deus, então, marca sua presença, ao acessar tais espaços, para protegê-los contra a fome excessiva de “Morte” e de “Pecado”. “De Serra Leoa” (10. 703; minha tradução) aos confins do mundo, *Paraíso Perdido* reproduz os espaços do mundo conhecido para refiná-los como bens sob o olhar divino e para reinscrevê-los no argumento geral do épico: que o texto “afirme a Providência Eterna e justifique os meios de Deus para com o Homem” (1. 25-26; minha tradução). O narrador épico descreve mundos desenhando um universo em conflito que é uma dinâmica parte e parcela da vida de cada um.

Um outro acesso espacial ocorre no livro 11 do épico no momento da lição de história do arcanjo Miguel a Adão. Miguel mostra a Adão o que ocorrerá quando da vinda do Messias e as tentações que Ele sofrerá pelos olhos de Satã: “Whereon for different cause the Tempter set / Our second Adam in the wilderness, / To show him all Earth’s kingdoms and their glory. / His eye might there command” (11. 382-84). Novamente Milton re-encena um acesso espacial contra um excesso territorial. Se o primeiro caso serve para prevenir Adão dos males dos imperialismos e conquistas, o segundo caso deixa claro que Satã comanda “the seat[s] / Of mightiest empire[s]”, Oriente ou Ocidente:

from the destined walls
Of Cambalu, seat of Cathaian Can
And Samarkand by Oxus, Termir’s throne,

To Paquin of Sinaean kings, and thence
To Agra and Lahore of Great Mogul,
Down to the golden Chersonese, or where
The Persian in Ecbatan sat, or since
In Hispahan, or where the Russian Ksar
In Moscow, or the Sultan in Bizance,
Turkestan-born; nor could his eye not ken
The empire of Negus to his outmost port
Ercoco and the less maritime kings,
Mombaza, and Quiloa, and Melind,
And Sofala thought Ophir, to the realm
Of Congo, and Angola farthest south;
Or thence from Niger flood to Atlas mount,
The kingdoms of Almansor, Fez and Sus,
Marocco and Algiers, and Tremisen;
On Europe thence, and where Rome was to sway
The world. In spirit perhaps he also saw
Rich Mexico, the seat of Motezume,
And Cusco in Peru, the richer seat
Of Atabalipa, and yet unspoiled
Guiana, whose great city Geryon's sons
Call El Dorado. (11. 387-411)

Todos os sujeitos imperiais enumerados sentam em seus tronos e fixam o império. A força de um catálogo tão extenso coloca em foco que a terra não é tão *incognita* nos extremos do globo e que a terra comporta impérios cuja ocupação por outros impérios não pode ser simplesmente associada à missão civilizatória: nomeação, cultivo, doação de significação. As terras não são despovoadas, não são *incognita* e muito menos a esperar por uma *auctoritas* européia que as subjuguem. Em *Paraíso Perdido*, parece-me, esses espaços, privilegiados ou não, já se encontram num estado de excesso: ou deixaram o Bem de Deus, ou estão por fora da cessão divina. Naturalmente essa constatação abriria mais lugares de discussão do texto miltoniano: não seria esta uma visão do imperialismo cristão? E mais, não estaria o épico tentando levar o globo em direção a um alinhamento unificado sob um único deus?

As respostas a tais perguntas não estão livres de mais complicação. No entanto, para o prosseguimento deste ensaio, apresentarei possibilidades de respostas; afinal, como adverte

Spivak, o ato de intervir necessita de negociação e desconstruir é falar a linguagem da coisa criticada (72, 135).³ Creio que deparamos com um mo(vi)mento textual não só de aporia mas de fissura radical. Quanto à primeira pergunta, a extensão da cristandade tanto no Oriente quanto no Ocidente esteve e está diretamente ligada ao projeto imperial/colonial. Essa ligação se deu e se dá de formas variadas: ora onde “Roma dirigiria o mundo” (11. 405-6; minha tradução) com a Igreja Católica e o papado, ora na mesma Inglaterra do século XVII que tinha o intuito de virar “uma outra Roma no oeste” (minha tradução) e propagar o “império” Protestante.⁴ Mas nas linhas do épico, poderíamos ler imperialismo como conflito (entre o bem e o mal, ou por um solo de significação, por exemplo) e ler cristão como liberdade de escolha.

A deconstructive awareness would insistently be aware that the masterwords are catachreses [...] that there are no literal referents, there are no “true” examples of the “true worker,” the “true” examples of the “true worker,” the “true woman,” the “true proletarian” who would actually stand for the ideals in terms of which you’ve mobilized (104).

Como venho mostrando, nas linhas do épico não haveria lugar para um “verdadeiro cristão” ou para “um” único “imperialismo”. Imperialismo e cristão, no paraíso de Milton, são “grandes palavras” e são catacréticas. *Paraíso Perdido* re-encena a (im)possibilidade de origem da vida humana em termos de conflito (ação, intervenção) e em termos de liberdade e de escolha. O que Miguel faz com Adão nos livros 11 e 12 do épico nada mais é que retirar a “película” de “ignorância” dos olhos do segundo e apresentar uma outra versão da verdade: “Michael from Adam’s eyes the film removed / Which that false fruit that promised clearer sight / Had bred” (11. 412-14). Na narrativa do épico, se Miguel não tivesse apresentado essa visão da verdade,

³ SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *The postcolonial critic: interviews, strategies, and dialogues*. New York: Routledge, 1990. Todas as referências a Spivak serão a essa edição e virão entre parênteses constando o número de página.

⁴ MILTON, John. Readie and Easie Way to Establish a Free Commonwealth. In: Wolfe, Don M. (Ed.). *The complete prose works of John Milton*. New Haven: Yale University Press, 1953-1982b. Vol. 7. p. 357.

talvez Adão tivesse sucumbido à proposta de Eva de dar fim à vida deles e assim cessar o sofrimento. Miguel chega ao fim de sua aula de história sugerindo que no conflito cósmico, “imperialismo” divino (acesso ao conhecimento) versus imperialismo satânico (excesso de conhecimento) versus imperialismos de variadas ordens (excesso de conhecimento), Pai e Filho estão “Proclamando vida a todos que acreditarem na sua redenção” (12. 407-8; minha tradução). De novo, é uma questão de escolha: proclamar a vida a todos e a todos que acreditarem num possível resgate, numa possibilidade de liberdade de jogo (e não jugo) num solo, fértil, de significação.

Quanto à segunda pergunta, eu poderia ler esse alinhamento sob um único deus da seguinte forma: Se Deus é Verdade e se Verdade, como Deus, é uma só, é única, Verdade e Deus são de tal forma transcendentais e absolutos – daí então, pode-se estrategicamente olhar os essencialismos, não como descrições de como as coisas são, mas como algo que dever ser “adotado” para produzir uma crítica (51) – que nunca teríamos acesso ao Todo de Deus ou da Verdade.

For even as we are supposed to be “freely playing”, we are finalising the situation out of which we are speaking. Derrida said, at a certain point – I don’t think this is in print–“Deconstruction is not exposure of error, it is a vigilance about the fact that we are always obliged to produce truth”. You know, this is the thing that is striking about it. It’s not some kind of a negative metaphysical caper because there is nothing positive in the world; it’s an examination, over and over again, of the fact that we are obliged to produce truths, positive things, we are obliged to finalize, perspectives must be generalised, and so on (46).

Daí, teríamos de saber que nosso acesso à Verdade se dá por pequenas verdades espalhadas num solo fértil de significação e que, fora desse solo, teríamos ainda de dar conta de mentiras que querem passar por verdades ou de produzir verdades que finalizariam uma situação a qual estou criticando.

If you take the theoretical formulation of deconstruction, you have a stalling at the beginning, and a stalling at the end (*différance* at the beginning, and *aporia* at the end), so that you can neither *properly* begin nor *properly* end. Most of the people who are interested in deconstruction are interested in these two things. But I'm more interested in what happens in the middle; and I think the later Derrida is too (136).

Ora, a *différance* do início é a de um reino universal e messiânico para o fim da história humana e a aporia radical que essas perguntas abrem são um “final” impróprio. O que acontece no meio, o texto em si, o épico de Milton e esse texto conversando no nosso momento pós-colonial, é o que me interessa mais de perto.

A concepção de espaço no épico de Milton se abre, de maneira desafiante e conflitante, a toda possibilidade; seu paraíso evoca menos inclusão e fechamento e mais panorama, um “vasto projeto” desde “Cambalu” até o “El Dorado”. Essa paisagem miltoniana está repleta de antinomia numa geografia providencial. A paisagem no jardim retém o destino manifesto de todos os que se encontram “aprisionados” dentro dos contornos dos jo(u)gos de significação. A geo-grafia no paraíso de Milton é sub-escrita pela grande narrativa da reforma universal de Cristo, mas seu jardim produz um solo onde é possível discutir e criticar, via espaço, mediação e territorialidade, o vasto complexo de conflitos, contingências e, sobretudo, o vasto potencial de corrupção que é o império.